

# O PAPEL DA LÍNGUA MATERNA NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Elizabeth Francisca de Oliveira Pereira\**

## RESUMO

Pretendemos, neste artigo, discutir a posição de alguns professores de língua estrangeira e de pessoas envolvidas na elaboração de livros didáticos de língua estrangeira – inglês, no que se refere ao uso da língua materna (LM) nas aulas de língua estrangeira (LE). Primeiramente, fizemos uma revisão de como a língua materna é vista em algumas metodologias do ensino de língua estrangeira – desde a total proibição até uma pequena restrição do seu uso nas aulas de LE. As questões que nos colocamos foram: seria possível esquecer a LM na aquisição da LE? As aquisições de língua materna e estrangeira estariam localizadas em campos específicos? Dirigimo-nos a autores que, fundamentados na psicanálise, nos fornecem instrumentos para refletir sobre estas questões.

Palavras-chave: língua materna, aquisição de língua materna, metodologia.

Para os propósitos desta primeira parte, citaremos alguns autores que proíbem ou têm restrição à língua materna no que se refere ao seu uso no aprendizado da LE. Esses autores estão inseridos nas abordagens audiolinguista ou comunicativa.

Autores de livros didáticos ou metodológicos há muito se preocupam em mostrar as áreas de interferência da língua materna (portuguesa em nosso caso) na aquisição da língua estrangeira, através de uma análise contrastiva. Esta análise começou a ter muita popu-

---

\* Mestre em Educação Escolar Brasileira pela UFG-FE. E-mail: betorap@cultura.com.br

laridade a partir da década de 1970. Os lingüistas tentam explicar os erros na LE como interferência da LM, portanto como algo negativo. Assim, procuram prevenir os professores quanto às interferências que poderão ocorrer e prever quais serão as dificuldades dos falantes de língua portuguesa quanto à percepção e produção dos sons da língua inglesa, fornecendo sugestões de como corrigi-los. Isso pode ser visto em Madsen (1964, p. 10):

The distinction of meanings through the choice of /iy/ or /I/ is an entirely new speech habit to Portuguese-speaking students of English, who in their native language have only one high front vowel within the area of production of the two high front vowels in English.(...) Suitable minimal pairs for drill of the two English high front vowels are eat – it, sheep – ship .<sup>1</sup>

Essas interferências ocorreriam também na morfologia:

Portuguese-speaking students may encounter a special problem in learning the use of an inflectional suffix for the expression of the relationship between the possessor and the object of possession, which in their native language can only be expressed by means of prepositional phrases: Kate’s sister. A irmã de Kátia.<sup>2</sup> (Nadsen, 1964, p. 42)

John e Liz Soars (1993), ao fazer a descrição do curso no livro do professor, na Série Headway, colocam uma explicação para os professores quanto ao convite que fazem aos alunos, para traduzir algumas sentenças na sua língua materna. Reconhecem que a tradução é uma questão polêmica. Entre as razões disso, afirmam que alguns professores sentem que o uso da língua materna do aluno na sala de língua estrangeira, mesmo em pequena quantidade, poderia significar uma “abertura das comportas” e os alunos recorreriam a ela constantemente, deixando os professores sem controle. Os autores argumentam, como a se desculpar, que o convite que fazem aos alunos para traduzir vem “somente” no final da apresentação, depois de os alunos terem lido, ouvido, falado e respondido às questões gramaticais. Esses mesmos autores fazem uma lista de possíveis pro-

blemas – erros na forma e no uso, por interferência da língua materna – que poderiam ser antecipados.

Swan e Walter (1990, p. VII), ao se referir à língua materna, sugerem que o seu uso nas aulas de inglês pode ajudar a tornar as explicações mais rápidas e precisas. Contudo, colocam uma condição para que isso aconteça: “*the mother tongue, if it can be used, can help to make explanations faster and more precise...*”<sup>3</sup> (grifo nosso). O autor, ao colocar essa condição, reconhece que em algumas instituições dedicadas ao ensino de língua estrangeira a língua materna não pode ser usada nem sequer como uma metalinguagem.<sup>4</sup>

Observa-se a preocupação dos autores acima citados de “limpar” a aula de língua estrangeira da “contaminação” pela língua materna, a qual, para muitos, é vista como um obstáculo à aprendizagem da língua estrangeira.

Quando lia artigos que versavam sobre essas concepções, ficava a me questionar se teríamos “compartimentos” mentais separados ou mesmo habilidades específicas para o aprendizado da língua estrangeira. Outras vezes ouvia aprendizes da língua estrangeira apreensivos porque não conseguiam “pensar na língua estrangeira”. Lei estatuída como obrigação por alguns professores de língua estrangeira, ao dizerem que, para aprender uma nova língua, os alunos precisariam “esquecer” a língua materna e pensar só na língua estrangeira.

As questões que mais intrigavam-me eram: é possível esquecer a língua materna para aprender a língua estrangeira? Haveria um campo psíquico específico para a aquisição de língua materna e outro para a língua estrangeira? Dirigi-me a algumas obras de Freud e a alguns autores que trabalham questões à luz dos conceitos de Freud e Lacan, para refletir sobre essas questões.

Para discutirmos a primeira questão, trarei aqui as reflexões de Revuz (1997) sobre a língua materna e a língua estrangeira. A autora destaca como as palavras são impregnadas de um sistema de valores, ao dizer que

muito antes de poder falar, a criança é falada intensamente pelo seu ambiente, e não há uma palavra que não seja, a um só tempo,

designação de um conceito e discurso sobre o valor atribuído a esse conceito pelo ambiente. Esse sistema de valores impregna completamente o sistema lingüístico. Ele diz aquilo que se pode dizer e aquilo que não poderia ser dito; ele manifesta uma relação com a própria língua e o saber que ela permite construir. (Revuz, 1997, p. 215)

Com muita propriedade, essa autora reconhece a delicadeza da questão de aprender uma língua estrangeira, fundamentando-se na estruturação psíquica do sujeito tendo como base a língua materna:

O exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado porque ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua materna. (Revuz, 1997, p. 217)

Ou, ainda, quando diz:

O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua. Esse confronto entre primeira e segunda língua nunca é anódino para o sujeito e para a diversidade de estratégias de aprendizagem (ou de não aprendizagem) de uma segunda língua, que se pode observar quando se ensina uma língua e se explica, sem dúvida, em grande parte pelas modalidades desse confronto. (Revuz, 1997, p. 215)

Nas reflexões dessa autora, fica clara a impossibilidade de “esquecer” a língua materna, no momento de aprender a língua estrangeira.

Em algumas passagens das obras de Freud, este faz referência à língua estrangeira, assim como ao que se refere à aquisição de outros conhecimentos. Tais momentos fazem-nos refletir sobre o quanto a LM é carregada de afetividade para se tentar descartá-la, como querem alguns, na aquisição de LE.

Freud, no seu estudo da histeria, relata um caso clínico em que a paciente Anna O. esquece temporariamente a sua língua materna e reverte sua fala para o inglês, não tendo consciência dessa reversão. Outros casos, ora de reversão para outra língua, ora de tentativa de destruição dos sons da língua materna, aparecem com frequência na literatura. Veja-se, por exemplo, o relato de Wolfson, que tenta destruir a sua língua materna, misturando e/ou substituindo as sílabas da língua materna e as sílabas de línguas estrangeiras, para fugir à sonoridade da língua materna; ou James Joyce, que tece o seu texto com vocábulos e sintaxe de várias línguas. Assim como relatos de casos “clínicos” com sujeitos bilíngües.

A reversão para outra língua seria uma fuga do “desprazer” da volta a suas origens, a suas línguas maternas? Essas reversões poderiam ser indicativas de “lugares” de estocagem psíquicos diferentes da língua materna e estrangeira ou de novos arranjos nos traços mnêmicos? Seriam bloqueios como esses, ou mesmo a boa ou má receptividade do sujeito quanto à aquisição de língua estrangeira, devidos a questões de afeto, que provocariam prazer e/ou desprazer, sensações estas que lhe lembrariam a sonoridade da língua materna? É verdade que o que está em questão neste artigo não é a fuga ou a reversão para outra língua, mas sim o efeito da LM na aprendizagem da LE. Contudo, achamos pertinente fazer referência a essas passagens que nos fariam refletir sobre o quanto a língua materna é carregada de afeto, sendo impossível pensar em qualquer nova aquisição como algo que possa ser não marcado por ela.

A interferência da LM na aprendizagem da LE não se restringiria, assim, como querem alguns lingüistas aplicados, somente à fonologia, à morfologia, à sintaxe etc., o que pode ser antecipado num estudo construtivo. Muito mais que isso, ela estaria *latente*, norteadora ora o impedimento, o bloqueio, ora facilitando a aquisição de uma LE.

A segunda questão que abordaremos aqui é a localização psíquica da aprendizagem da língua materna e da língua estrangeira, para tentarmos uma resposta à indagação sobre haver ou não um campo específico para aquisição de língua materna e de língua estrangeira.

Moraes (1999, p. 24) aponta que Freud localiza no campo da linguagem a aquisição de conhecimentos posteriores, por levar em conta a hierarquia que estabeleceu originariamente as funções dos campos associativos da linguagem na língua materna.

A função da linguagem apresenta excelentes exemplos de novas aquisições. É o caso de aprender a ler e a escrever relacionados com a atividade primária da linguagem... se aprendo a falar e a compreender diversas línguas estrangeiras, se, além do alfabeto aprendido em primeiro lugar, aprendo também o grego e o hebraico, se, ao lado de minha grafia uso também a estenografia e outras escritas – todas essas atividades (aliás, as imagens mnêmicas que é preciso empregar para isso podem ultrapassar em muito o número das da língua de origem) estão evidentemente localizadas *nas mesmas áreas* que conhecemos como centros da primeira língua aprendida. (Freud, apud Moraes, 1999, p. 24-25)

Poderíamos aqui fazer um correlato dessas áreas ou campo de linguagem com a “faculdade de linguagem” de Chomsky? Pensamos que, no que se refere a uma predisposição “biológica” de aquisição de linguagem, talvez sim. Contudo, o peso dado ao outro, ao semelhante, na aquisição da linguagem, em ambas as perspectivas, seja materna ou estrangeira, é desigual. Muitos pesquisadores sobre a aquisição de linguagem na perspectiva chomskiana chegaram a conclusões segundo as quais essa aquisição acontece mediante uma interação entre a evidência fornecida pelo *input* e um conjunto de princípios gramaticais disponíveis em todos os aprendizes normais. O outro seria apenas aquele que forneceria o input para que o aprendiz “crie regras puramente por considerar a evidência no *input* e faça inferências lógicas sobre o modo de funcionamento do sistema” (Smith, 1994, p.148 e 150)

Já no projeto de Freud, no funcionamento do aparelho da linguagem, mais precisamente a propósito da aprendizagem da linguagem, como lembra Thomas-Quilichini (1998, p. 78 - 79), é ressaltada a importância do ambiente. Essa aprendizagem seria feita por um duplo investimento: investimento de imagens sonoras provenientes das produções sonoras do próprio sujeito e investimento das imagens sonoras

provenientes do ambiente. Ele questiona como esse investimento das imagens sonoras provenientes dos gritos, sons ou palavras provenientes do próprio sujeito poderia ocorrer, sem o reconhecimento, sem a tradução; ou seja, sem a função de representância que lhe atribui o outro. As experiências de satisfação só ocorreriam se o próximo, a potência prestativa, atribuísse a essas manifestações de descarga (gritos, mímicas) do *infans* uma função de representância do seu desejo. Em outras palavras, a causa da presença física da criança no mundo seria um desejo de algo por parte dos pais, seja de prazer, vingança, completude, poder ou imortalidade. Fink (1956, p. 50) diz-nos que, sejam quais forem os motivos, esses funcionariam de um modo direto, como causa da presença da criança no mundo, e tais motivos continuavam a agir na criança depois de seu nascimento, sendo responsável pelo advento da criança na linguagem. Nesse sentido, podemos então dizer que o sujeito é causado pelo desejo do outro.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A aquisição de língua estrangeira, a nosso ver, não seria uma questão de proibir ou restringir ao máximo o uso da língua materna nas salas de LE, ou de antecipar as interferências da LM na fonologia, morfologia e sintaxe para evitar erros. Afinal, a língua materna é muito mais que isso se lembrarmos, por exemplo, do que Freud nos disse sobre a indestrutibilidade dos elementos inconscientes – que, uma vez constituídos, nunca mais seriam erradicados – ou se concordarmos com Revuz, quando nos diz que esse “estar-já-aí da primeira língua é um dado ineludível, mas essa língua é tão onipresente na vida do sujeito, que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido”.

Para essa autora,

(...) a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se apreender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. (Revuz, 1997, p. 215)

Por isso, na opinião da autora, o encontro com uma outra língua aparece efetivamente como uma experiência nova. A novidade não estaria, como Revuz a concebe, no encontro com o fenômeno lingüístico como tal, mas nas modalidades desse encontro, que se dá através de uma outra língua.

Na nossa concepção, esta modalidade de encontro de que fala a autora se referiria ao reconhecimento. Lembremos que, na terceira parte do projeto, Freud atribui uma função essencial à linguagem na atividade de reconhecer. A língua materna seria a responsável por este reconhecimento da língua estrangeira. Por isso, concordamos com Moraes (1996, p. 96) quando esta autora entende a língua estrangeira como uma leitura, que faz o sujeito, *a partir da língua materna* (grifos nossos). Nessa leitura, tentaríamos entender a língua estrangeira procurando compará-la com algo similar ao que nos é familiar,<sup>5</sup> associado a nossa estruturação subjetiva, a nossa língua materna.

#### ABSTRACT

In this article we aim to discuss the attitudes of some foreign language teachers and other people involved in the elaboration of books with pedagogical purposes concerning the use of the mother tongue (ML) in foreign language classes (English). First we traced how the mother tongue has been seen in some methodologies which showed two attitudes: some claim that the mother tongue shouldn't be used in foreign language classes and others allow the use of it but with restriction. The questions posed to us were: Is it possible to "forget" the mother tongue while acquiring another language? The acquisition of the mother tongue and foreign language are located in specific field? We looked for the production of some authors with a psychoanalytic view who would offer some points to help us to discuss about these questions.

Key-words: mother tongue, foreign language acquisition, methodology.

#### NOTAS

1. "A distinção de significado através da escolha de /iy/ ou /I/ é um hábito da fala totalmente novo para os aprendizes de inglês e



falantes de português. Estes, em sua língua nativa, têm somente uma vogal frontal alta dentro da área de produção das duas vogais altas em inglês (...) pares mínimos adequados para praticar essas duas vogais altas poderiam ser: *eat – it; sheep – ship...* (tradução nossa).

2. “Os alunos falantes de português podem encontrar um problema especial na aprendizagem do uso do sufixo inflexional para a expressão da relação entre o possuidor e o objeto possuído, o que, em sua língua nativa, pode somente ser expressa por meio de frases preposicionais.” (tradução nossa)
3. “A língua materna, se puder ser usada, pode ajudar a tornar as explicações mais rápidas e claras (...)”
4. Entendida aqui como Jakobson (1999, p. 47) esclarece ao se referir ao papel essencial desempenhado, na aprendizagem da linguagem pela criança, por esta operação metalingüística: “A interpretação de um signo lingüístico por meio de outros signos....” (tradução nossa)
5. Referida como “familiar” no sentido de ser a língua em que vivemos, na qual estamos imersos. Contudo é também uma alteridade, um corpo estrangeiro, quando lembramos que nossa estruturação psíquica é tecida, como nos diz Fink (1956, p. 11), pelos discursos e desejos de outros à nossa volta. Portanto, uma alteridade a que o sujeito submeteu-se em primeiro lugar.

#### REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO de Psicanálise: Freud & Lacan, 2. Salvador: Agalma, 1988.

ESTEVES, L. R. Tradução: o indecível e o impossível em James Joyce. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 38, p. 13-23, jan./jun., 2000

FINK, B. *The lacanian subject*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1956.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MORAES, M. R. S. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MADSEN, A. J. *Teaching English in Brazil*. Rio de Janeiro: IBEU, 1964.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: *Lingua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

SOARS, L. & J. *Headway*. Oxford:Oxford University Press, 1993.

SMITH, M. S. *Second language learning: theoretical foundations*. New York: Longman, 1994.

SWAN, M.; WALTER, C. *The New Cambridge English Course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMAS-QUILICHINI, J. O conceito de representação. In: *Dicionário de Psicanálise: Freud e Lacan*. Salvador: Ágalma, 1998.